

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Suplemento

Class.: Kayabi 02

Data: 26.07.59

Pg.: 11

O índio que eu vi em Mato Grosso

(14.º de uma série)
NO REINO DO CAIABI

Rondon em 1914 ordena o levantamento do rio Teles Pires. Trata-se da terceira expedição feita a este grande afluente do Tapajoz. Tenente Pyreneus de Souza, enciclopédia sertaneja, zaianta peito demais para se negar. E não de saúde.

Pyreneus faz viagem a Jato, para o sentir do seu tempo. Abaixo do Rio de Janeiro em meados de Dezembro de 1914 e ainda em fins de Fevereiro de 1915, já inicia as operações ao lado do rio Arinos, no teatro da exploração. Penetra o território Caiabi. Navegou o meio do rio de cabeceira a foz, bebendo 1.386 quilômetros de água do mesmo caudal do Teles-Pires.

Pyreneus encontrou a última feitoria do Mato Grosso no Perto Mosroco, a 401 quilômetros da cabeceira do rio e dá com a primeira partida de seringueiros do Pará, a 227 quilômetros da barra do rio. O trecho de 758 quilômetros compreendido entre as duas pontas de longa civilizadas, é um pedaço de Brasil por se fazer. É o reino exclusivo do índio Caiabi. Hoje está tudo um pouco mudado. Mas não foi sempre progresso. O Caiabi reinou despoticamente durante séculos. Anos perdidos a colonização do norte do Estado de Mato Grosso proferiu dobrar para os lados do Acre. Os casebres pingavam de distância em distância na modorra daquele vaivem. O medo do índio completava a miséria reinante.

Hoje em dia tudo mudou. Tempo houve em que não se sabia onde começava a terra do neo-colono e o território do Caiabi acabava. Dizem que naqueles tempos o chão em vez de dar mandioca e milho, lançou títulos definitivos de posse, lavrado em papel de primeira linha!

TELES-PIRES NÃO SE FILMA

TENENTE Pyreneus de Souza calcula o rio a poder de heroísmo. Val o rio majestoso e imponente, fazendo questão de ser amigo. De repente censura: "O senhor não viaja daqui para baixo!" E lá se segue aquela águazinha rasa, chutando bico de pedra por 25 quilômetros.

Um mosquito não é nada. Mas mosquito no rio Teles-Pires é um tipo importante. Faz do personagem principal no drama do pioneiro. Ninguém se gaba de ter dormido bem ao relento. Nunca se vê serena nata assim em outras correntes de água. Pyreneus para não ficar de mão e pé e corpo inteiro inchado, cobre-se com banha de animal e peixe.

E depois vinha a água. O homem dá com corredeira o salto e cachoeira e travessão. Desce ao leito do rio, firma a corda na mão. Solta lentamente a canoa. A água bebe a embarcação e arrasta o herói por sobre as pedras cortantes. Há neste rio uma corredeira com o nome de "sofrimento". Mas se as corredeiras contassem suas façanhas, o rio mudaria de nome. O rio, chamado antigamente São Manoel, assestou o pioneiro Teles Pires e liquidou-o com quase toda comitiva. O leito do enorme caudal se esconde e não deixa que o filmem, porque o filme do rio Teles Pires não passa na censura.

E muita vez a cachoeira destrói inteiramente o batelão. Reconheça-se a viagem. Ali na margem se abate alguma madeira, de preferência algum jatobá linheiro e corpulento. Também o caqueiro serve. Faz-se uma embarcação à sertaneja e a luta continua. Previne-se o destroço inevitável de um barco, conduzindo-se pela margem mais camarada.

Numa queda do salto "Oscar de Miranda" perdeu-se um batelão. Não havia perto nenhuma árvore linheira. Pyreneus de Souza deu margem a dentro quase cinco quilômetros e trouxe uma canoa nova. Pensou que obtivera um filme excelente e já contava com uma reportagem inédita, quando uma cachoeira pensou que o batelão era de esporte. Enguliu-o como se fosse água. O batelão virou rio. O filme também.

**CAIABI APINACÓ
CAIABI APININ!**

NENHUMA expedição da assim chamada Comissão Rondon, deixa de levar os apetrechos de aproximação ao índio. De obrigação, carregar fa-

ção, faca, machado, missangas variadas, colares de contas. E não se pode levar material inferior, sem grave risco de fracasso. O índio prova na madeira dura do cerrado, o gume oferecido pelo civilizado o julga o valor do civilizado pelo torto ou direito do ferro. A pedra não entorta, o ferro não pode dobrar nem quebrar-se! E na distribuição dos presentes, cada índio tem que receber o dom apetecido. Do contrário é descontentamento, fúria no arco... e só por sorte o branco sai com a pele inteira. Com o índio é assim! O índio que não recebe a parte real e sonante, é um inimigo fiado ou comprado à vista, mas sempre um inimigo...

Assim é que Pyreneus mal dá com o primeiro índio, já vem a gritaria dos outros: "Caiabi, apinin! Caiabi, apinacó!" — que quer dizer: "Facação para Caiabi machado para Caiabi!"

Pyreneus ia de frente ao ín-

dio. Largava as armas para dar mais confiança. Um índio recebia os presentes, enquanto os outros, entrincheirados atrás dos troncos de árvore, espreitavam, arco e flecha em risto. Pyreneus de Souza jogava a sorte no taboleiro real da vida. Forçoso lançar os dados. Para conseguir o levantamento do rio, ia agradando o índio. Assim conta: "Eram quatro homens que subiam o rio Teles Pires embarcados em uma canoa de casca. A nossa presença, tiveram grande surpresa e medo; rápidos abicaram a canoa à margem direita, que estava mais próxima, em emaranhado saranzal, descarregando a muito às pressas... Acharnos prudente não parar e nos dirigimos para um campo de capim-gordura, que avistamos à volta do rio, chamando-os para lá por sinais e mostrando-lhes machados, facões e contas. Reembarcaram na casca e nos seguiram, guardando certa distância e perguntando: "Caiabi apinacó? Caiabi apinin?"... Chegando ao campo, paramos e os índios abicaram à margem oposta, para onde segui em minha canoa com três homens. Mostrando-lhes machados encabados, facões e contas vistosas e, dizendo-lhes "akili", três índios aproximaram-se do barranco, onde tinhamos abicado nossa canoa e com muito medo, tremulos, receberam os presentes. Ficaram então visivelmente satisfeitos e mais confiantes".

Assim se deu o primeiro encontro de Pyreneus com o Caiabi. Tudo azul... mas por pouco tempo. A partida tomou para o índio Caiabi.

PARA AFUGENTÁ-LOS, UM TIRO DE DINAMITE
"DEPOIS de transpormos as cachoeiras "Curupí" e "Treze de Maio", já à tardinha, ao deixarmos esta última, desapareceram por encanto os índios e uma flecha, partindo do mato, veio cair bem junto a nossa canoa, que era a última a sair. A esta flecha seguiram-se outras. Felizmente nenhum

CAIABI,

tribo da reação

NO REINO DO CAIABI — TELES PIRES NÃO SE FILMA — CAIABI APININ! CAIABI APINACÓ! — PARA AFUGENTÁ-LOS DEI UM TIRO DE DINAMITE — FOI ASSIM O BAILE MARACANÁ!

Por J. A. ZATIAMARE



O dono do rio Teles Pires.

de nós foi atingido e imediatamente fizemos uma descarga e saímos do rebojo da cachoeira sem dar tempo a que os índios renovassem o ataque. Atravessamos uma corredeira e fomos bivacar na Ilha da "Liberdade", donde avistamos os índios nos espreitando da margem e todos arrastando grandes feixes de flechas!

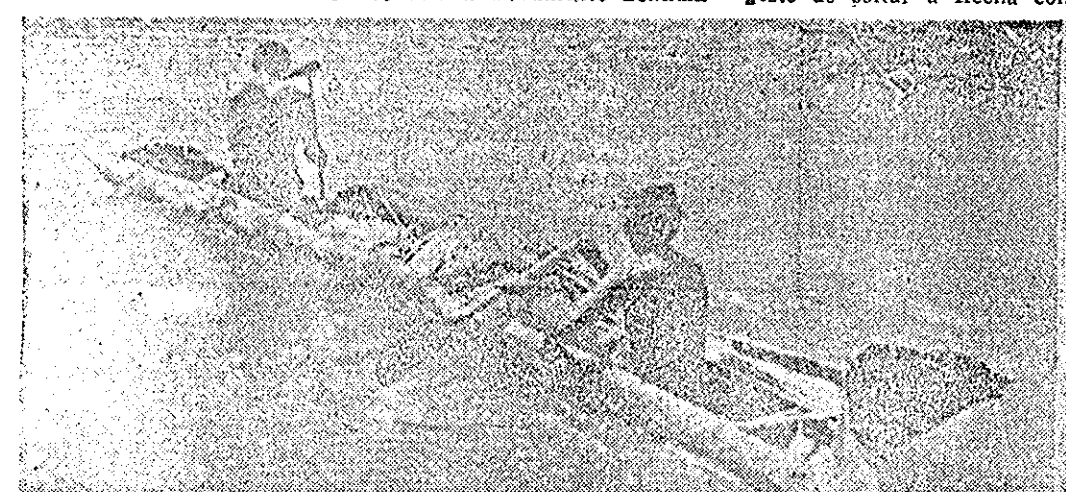
Para afugentá-los dei um tiro de dinamite, que, parece, enraiveceu-os mais. Surgiu então na margem oposta um cacoclo forte, belo tipo de cacique, que lembrava os guerreiros de Alencar, o qual, entrando náguas até a cintura e empunhando grande arco e um maço de flechas, começou a discutir energicamente. Com o arco retesado, fazendo o gesto de soltar a flecha com

que nos ameaçava, gritava em linda voz, vibrante e enérgica. Depois bateu forte no possante peito, apontando para todos os lados com gestos significativos de ser ele o possuidor de tudo aquilo. Enquanto isto, outros índios, pela mata a dentro, nas duas margens, arremedavam onça, lobo, contá e pássaros diversos. Era um espetáculo imponente!

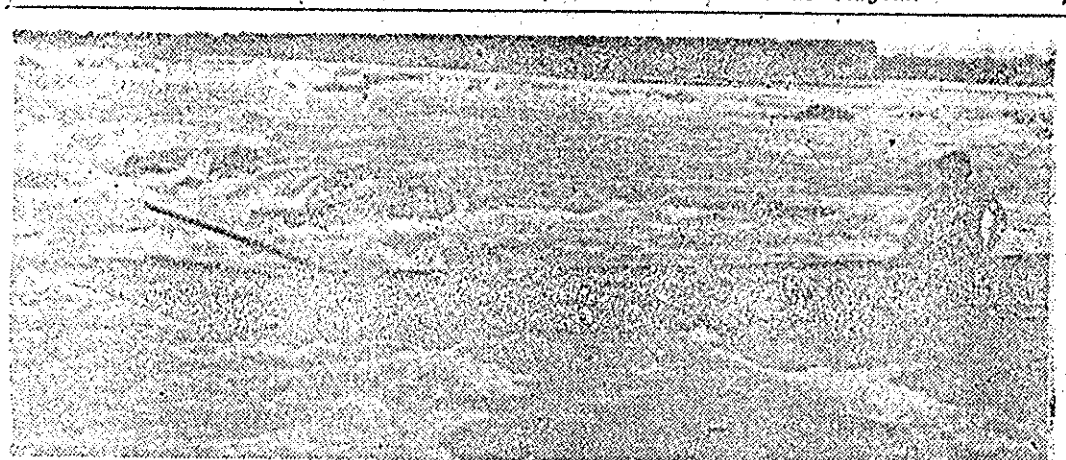
FOI ASSIM O BAILE MARACANÁ!

O que se seguiu de todo este aparato, não foi uma simples comédia, mas uma real ofensiva. O índio esperou pela noite, como costuma. A noite é a bomba atômica do índio. Nela o índio lança seus foguetes trans-continetais... Só a tática bélica de Pyreneus, o Tenente do exército, é que driblou espetacularmente o índio Caiabi. O resto da partida foi levada a poder de privações, para sustentar o escórer. A expedição de Pyreneus não pode recolher lenha para o fogo: o índio Caiabi acompanha a expedição pela margem do rio Teles Pires. Alimentou-se de tocari e amendóim. O índio não fazia a matança desejada, porque Tenente Pyreneus dava de si.

E foi assim o baile Maracaná: "Preparamos para a defesa, já que não podíamos evitar o ataque. Viajar à noite era impossível, porque, não conhecendo o rio, poderíamos despencar numa cachoeira e não podíamos fazer o levantamento. Feito o jantar, mandamos apagar o fogo e entrincheiramo-nos atrás de grandes árvores. A gritaria continuava assustadora pela mata a fora. Quando os gritos estavam muito próximos soltávamos uma bomba de dinamite, cujo estampido os atemorizava, afastando-os do nosso bivaque. As 20 horas, estando a noite bastante escura, embarcamos todos em nossas canoas e, no maior silêncio, abandonamos o bivaque e fomos para a margem oposta, onde amarramos as canoas. Foi excelente medida, porque, à meia hora da madrugada, os índios assaltaram o bivaque abandonado e sofreram grande decepção, a julgar pelos gritos que soltavam. Passamos a noite nas canoas, prontos para nos afastarmos para o meio do rio, caso o nosso esconderijo fosse descoberto.



A casca de jatobá faz de navio por 15 e mais dias de viagem.



"O Senhor não navega daqui para baixo". 25 km de pedregulhos fecham a navegação